

ECONOMIA

Economia - Brasil

Crescimento maior em 2004

Empresários engavetam US\$ 5 bi em investimentos mas Palocci crê em retomada

Simone Marinho/08-04-2003

Vivian Oswald, Aguinaldo Novo
e Ronaldo D'Ercole

BRASÍLIA e SÃO PAULO

A notícia de que a economia brasileira teve retração no primeiro trimestre deste ano não abalou a confiança do ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Segundo ele, o país deverá crescer cerca de 2% este ano, mas tem condições de atingir 4,5% por ano a curto prazo. Para Palocci, o crescimento econômico mais acentuado do país virá já a partir do próximo ano.

— Teremos um crescimento de cerca de 2% este ano. Se ordenarmos a política macroeconômica e questões como energia elétrica e os financiamentos público e privado, poderemos atingir 4,5% num curto espaço de tempo. O crescimento maior virá já a partir de 2004 — disse o ministro.

Palocci destaca que o país está se preparando para um momento de crescimento e que ele virá com naturalidade. Segundo o ministro, as políticas adotadas pelo governo em infra-estrutura, energia, política industrial, além de ciência e tecnologia, são essenciais para o bom desempenho do país nos próximos anos.

Consultas ao BNDES
caíram 54% no ano

• Palocci diz que a transição para o que chamou de fase dois, ou o segundo ciclo, se dá na prática e ocorre à medida que os indicadores econômicos vierem positivos. Ele citou a queda do risco-Brasil e do dólar. Embora o país ainda não tenha dado os sinais que o governo Lula queria nem esboce a expansão de 4,5% desejada pela equipe, o ministro diz que não há razão para olhar o futuro próximo do Brasil com pessimismo.

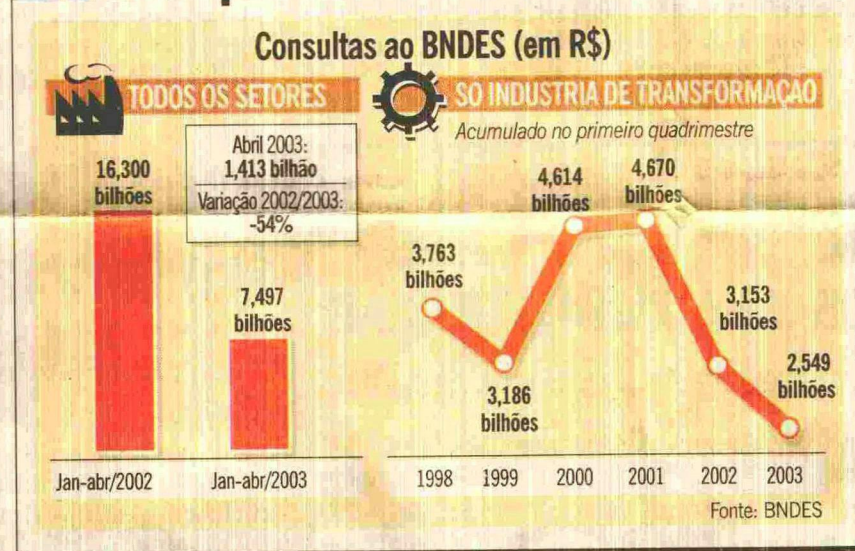
— É verdade que o país não está crescendo em todas as áreas, é um fato. Se olharmos a energia que se coloca em áreas fundamentais como o agronegócio, vemos que o país não tem do que se lamentar. O Brasil tem que trabalhar para fazer com que essa dinâmica do setor agrícola possa se estender a todas as áreas industriais e de desenvolvimento. É isso que trará soluções para o Brasil.

Em defesa do crescimento, Palocci não deixa de reiterar a necessidade de combater a inflação. Ele garante que o país só crescerá de maneira sustentada após resolver a “equação da inflação”. Por isso, diz o ministro, é necessário um esforço maior neste momento para que depois venha o período de crescimento prolongado.



INTERIOR DA
fábrica de uma
montadora de
veículos no Vale
do Paraíba: com
a estagnação da
economia no
primeiro trimestre
deste ano, os
empresários
cobram a redução
dos juros e o
anúncio de uma
nova política
industrial para
o país

▶ Em queda livre



A estagnação da economia no início deste ano e a manutenção de juros estratosféricos, que encarecem o custo dos empréstimos, levaram os empresários a retardarem o anúncio de novos investimentos. O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) estima que o valor dos projetos aprovados e posteriormente engavetados alcança 1% do Produto Interno Bruto (PIB), ou cerca de US\$ 5 bilhões. Essa montanha

de dinheiro deixou de ser empregada na construção de indústrias ou na ampliação da capacidade de produção das fábricas.

A cautela dos empresários se traduz em recordes indesejados. Perdeu força, por exemplo, o ímpeto das empresas que procuram a ajuda do BNDES para financiar seus projetos. As consultas apresentadas pela indústria de transformação somaram R\$ 2,549 bilhões no primeiro

quadrimestre deste ano: uma queda de 19,16% em relação a igual período do ano passado. Foi o menor patamar desde 1998. O tombo é ainda maior quando se considera o número de consultas de todos os setores da economia, de R\$ 7,497 bilhões entre janeiro e abril deste ano, ou 54% a menos do que em 2002.

— A situação é grave na indústria. O que o governo tem de perceber é que não há projeto que fique indefinidamente na gaveta. Depois de um tempo, ele é cancelado e pronto — afirma Júlio Sergio de Almeida, diretor-executivo do Iedi, que cobra a redução dos juros e o anúncio de uma política industrial para o país.

Pacote de medidas
pode sair este mês

• Os dados do BNDES mostram reduções superiores a 90% no número de consultas. É o caso dos setores de material e aparelhos elétricos (94%) e material eletrônico e de comunicação (97%). Na área de produtos alimentícios e bebidas, o volume dos projetos somou R\$ 554,6 milhões, recuando ao nível de 1999. O diretor da Área Industrial do BNDES, Maurício Borges Lemos, admite que esse

quadro pode mudar somente quando a economia crescer com força, o que depende do corte de juros. O que o banco pode fazer, diz, é ampliar o acesso a empréstimos.

Lemos antecipou que está em estudo a reabertura de linhas de financiamento para importar máquinas e equipamentos. Segundo o diretor, a flexibilização valerá para os projetos considerados fundamentais para reaquecer a economia.

— Seria uma forma de sair desse círculo vicioso, estimulando a economia — disse Lemos, acrescentando que um pacote de medidas pode ser anunciado até o fim do mês.

O economista Aloisio Campelo Júnior, da Fundação Getúlio Vargas, calcula que para a economia crescer mais de 4% ou 5% ao ano a taxa de investimento do país teria de equivaler a 24% do PIB. Em 2002, a taxa não passou de 18,7%, o pior resultado desde 1992. A própria FGV mapeou o pouco apetite por investimentos este ano. De 1.233 empresas, só 30% responderam que têm a intenção de investir na produção. Foi o pior resultado em quatro anos. ■

▶ NO GLOBO ON LINE:

Pesquisa: qual é o maior problema da economia brasileira?
www.oglobo.com.br/economia